

Caixa com cinco CDs resume a trajetória do grupo Velvet Underground



Página 2

DOIS

Brasília tem uma nova Miss Gay

Página 3

Última dia para ver O Balconista

Página 4

O trash dos Contos de Thunder

Página 8

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 13 de fevereiro de 1996

Caçador de talentos

Industrial de Taguatinga tem um grande acervo de trabalhos de artistas em começo de carreira

Rosana Gonçalves
Da equipe do Correio

Decorar a casa com obras de Volpi, Aldemir Martins, Tomie Otake, Manabu Mabe faz parte dos sonhos de muita gente. Não é qualquer pessoa que se propõe a colocar na parede da sala ou do escritório particular quadros de pintores desconhecidos ou em início de carreira.

O industrial e comerciante de Taguatinga Justo Magalhães Moraes foge à regra e ostenta um acervo de 132 quadros e 15 esculturas, avaliados em aproximadamente R\$ 200 mil, a maioria de artistas brasileiros.

Apaixonado por obras de arte, ele não sonha ter em casa obras valiosas de artistas de renome nacional e internacional. Gosta de investir em novos talentos, acompanhar a produção artística local.

Esse mineiro de Nanuque diz que sente necessidade de contribuir para a valorização do artista local. "Não me prendo a nomes", explica.

A sobrevivência dos artistas é uma preocupação do industrial, que mora em Taguatinga há 36 anos. Ele procura conhecer os artistas, descobrir os ateliês e os talentos emergentes.

"Adquiro obras porque gosto e principalmente por me preocupar com a vida dos artistas, dos que não conseguem comercializar seus trabalhos e ficam no anonimato", afirma.

Funcionário do Banco de Brasília (BRB), Moraes tem uma confecção de malhas desde 1972. E o gosto pela arte começou a florescer há 10 anos, para não ficar no prejuízo, durante a campanha eleitoral de 1986.

Um candidato a deputado federal e amigo de Justo não teve como pagar as camisetas para sua campanha, encomendadas na fábrica do industrial. A saída foi oferecer como pagamento oito quadros, dos 10 que ganhara de amigos para serem leiloados.

"Aceitei a proposta. Não tinha quadros em casa e a partir daí comecei a tomar gosto", conta com satisfação.

JOGO RÁPIDO

■ **Hamilton Gondim** — "É um artista que pinta a realidade brasileira e está partindo para o abstrato de maneira objetiva. Ele acompanha a evolução do Brasil."

■ **Tomie Otake** — "Faz um trabalho espetacular, assim como Aldemir Martins por quem tenho predileção."

■ **Glênio Bianchetti** — "É um artista feliz em sua expressão."

■ **Manabu Mabe** — "Seu trabalho é fantástico. Gostaria de ter

uma obra dele, mas não para ficar na minha casa. Obras de Manabu, Tomie Otake, Aldemir Martins são para ficar em bibliotecas públicas para toda a população ver, principalmente os adolescentes."

■ **Toninho de Souza** — "Acho que está na hora dele mudar um pouco e evoluir mais. Os traços de suas obras podem permanecer, mas percebo que é o momento dele partir para a evolução."

Tina Coêlho

DF - Artes



O industrial Justo Moraes possui um acervo de mais de 100 telas e 15 esculturas assinadas por artistas de Brasília

O despertar para a arte

Quando aceitou os oito quadros como pagamento, Justo Magalhães não imaginava que um dia fosse possuir tantas obras. Assinaturas de Odalva Guimarães, Jeff, Jorge Scliar, Hamilton Gondim, Tarciso Viriato, Alice Prata, Toninho de Souza, Glênio Bianchetti e Anselmo Rodrigues são encontradas nos trabalhos espalhados pela casa do colecionador e pelas duas lojas ele tem em Taguatinga.

A casa de dois andares e 11 cômodos que o industrial/comerciante tem no Setor de Mansões de Samambaia está pequena para o acervo. Na sala de visitas vários quadros estão empilhados no chão por falta de espaço.

Os quadros estão em praticamente todos os cômodos, até na cozinha que ganhou uma *Santa Ceia*, de Maldonado Dias. A obra foi uma das oito recebidas como pagamento em 1986.

Nos jardins existem esculturas de Omar Franco. Nos fundos da casa há um salão de 200 metros quadrados que lembra uma galeria de arte. Só os quatro banheiros da mansão ainda não foram contemplados com quadros.

Nas casas de um irmão, da mãe e de uma comadre estão mais 30 obras. "Eu deixo lá, mas sempre lembro que os quadros não são deles. Não dou nenhum. As obras estavam numa loja que desativei, mas irá para outra que está em reformas", explica.

Ele só terá que se desfazer de uma pintura de Sônia Paiva, prometida em 1994 ao então candidato Cristovam Buarque, se ele fosse eleito. O industrial diz que aguarda uma oportunidade, pois não acha bem ir ao Burity levar presente ao governador.

Andando pela casa ou pelas lojas de Justo pode se ver também obras de Jefferson Paz, Nonato (ES), Jô Oliveira, Bárbara, Di Paula (RS), Seu Pedro, Valdomiro de Deus (GO), Shirinski, Bete Betti e de Kácio, cartunista do Correio.

Numa das paredes o destaque fica para *Paz e Guerra*, única tela feita pelo artista Tetraplégico Raimundo, de Belo Horizonte.

Ao adquirir obras e espalhar pela casa ou estabelecimentos comerciais, Justo Magalhães quer também despertar na família, amigos e funcionários o gosto pela arte. Segundo ele, os dois filhos de 7 e 8 anos que antes achavam alguns trabalhos feios e esquisitos, já estão aprendendo a gostar.

Os efeitos, garante o industrial, estão aparecendo também junto aos funcionários. "Percebo que de 15 a 20 por cento deles param para ver e fazem críticas, e isso é muito positivo", conta.